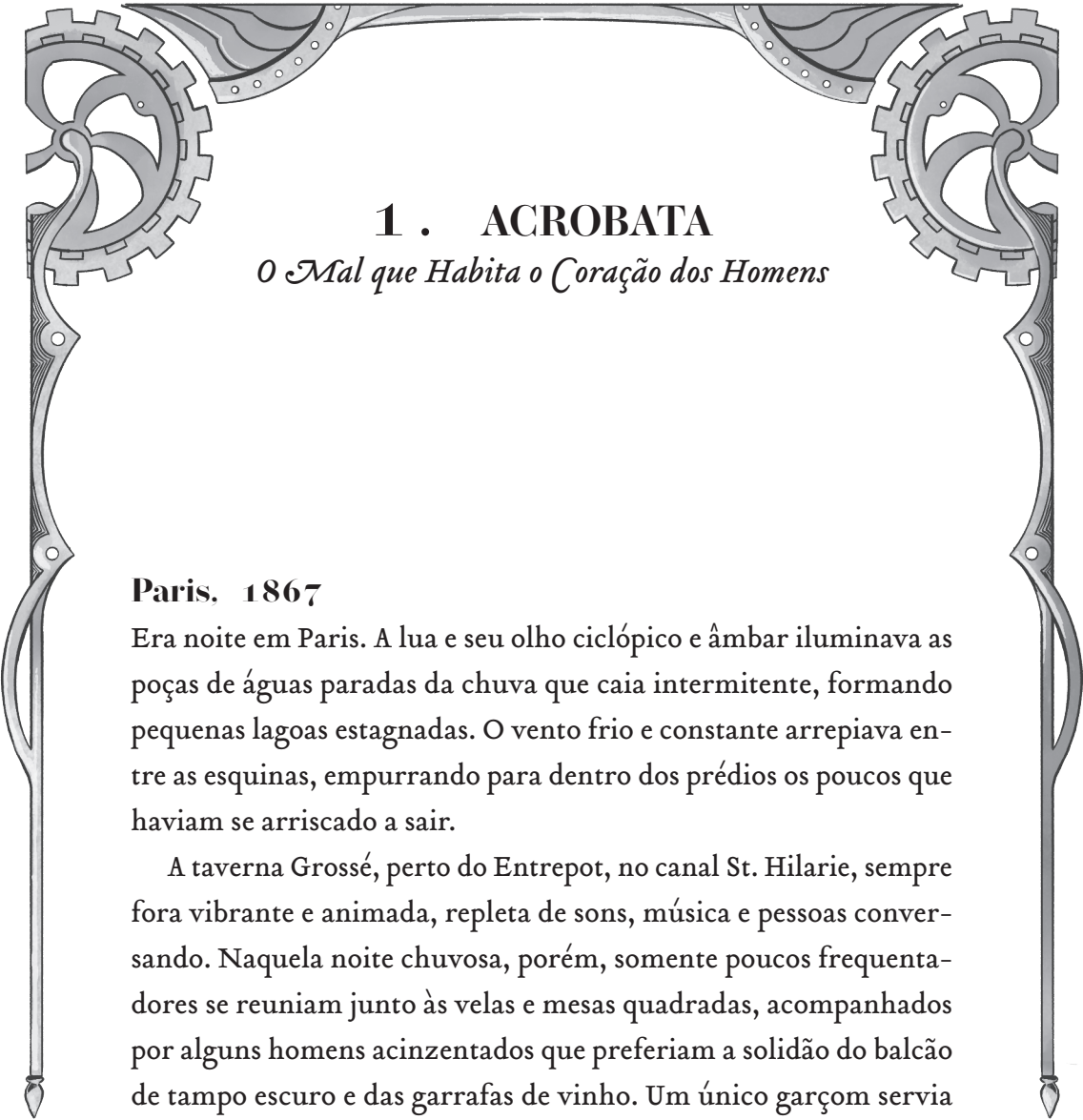




1 . ACROBATA

O Mal que Habita o Coração dos Homens

Paris, 1867

Era noite em Paris. A lua e seu olho ciclópico e âmbar iluminava as poças de águas paradas da chuva que caía intermitente, formando pequenas lagoas estagnadas. O vento frio e constante arrepiava entre as esquinas, empurrando para dentro dos prédios os poucos que haviam se arriscado a sair.

A taverna Grossé, perto do Entrepot, no canal St. Hilarie, sempre fora vibrante e animada, repleta de sons, música e pessoas conversando. Naquela noite chuvosa, porém, somente poucos frequentadores se reuniam junto às velas e mesas quadradas, acompanhados por alguns homens acinzentados que preferiam a solidão do balcão de tampo escuro e das garrafas de vinho. Um único garçom servia os clientes, com o olhar franzido de quem receberia poucas gorjetas ao final de uma longa noite de trabalho.

Mas aquela era uma quarta-feira e, como em toda quarta-feira, pelo menos um deles se dirigia à sala anexa à taverna Grossé. O senhorio oferecia vinho ou cerveja e um prato de ratatouille era servido para cada um dos presentes. Mesmo nas noites onde o vento,

brisa, neve ou gelo arrefeciam os ânimos, um dos quatro estava lá, sentado em sua cadeira favorita, observando o fogo na lareira ou concentrado em algum volume. Um lustre pesado iluminava parcamente o ambiente; a decoração, uma mistura de poltronas velhas e confortáveis, quadros puídos e papel de parede descascado, agradecia a falta de luz.

Quatro cavalheiros de poses distintas, vestes adequadas, bolsos profundos e modos tranquilos. O estalajadeiro não poderia escolher melhores clientes.

A não ser pelo fato de que eram quatro facínoras.

Não havia crime, golpe ou artimanha que já não tivesse sido pensado, planejado ou executado pelos quatro homens. Roubo, assassinato, sequestro, desfalque, falsificação, chantagem... A lista seria longa demais para essas páginas.

Mas tudo isso permanecia fora da Grossé. Ali, eram apenas quatro frequentadores que bebiam, jantavam e, ocasionalmente, conversavam. Aindreas era um escocês alto e de feições rudes, com grandes mãos repletas de cicatrizes, tais como a de um marceneiro. O duro trabalho que moldara os nós dos seus dedos era fruto de brigas incontáveis, das quais, invariavelmente, saía-se vencedor. As cicatrizes em seu rosto serviam como prova. Assaltos e roubos eram o seu ganha-pão, mas sempre estava pronto para qualquer outro tipo de trabalho vil, desde que fosse remunerado. Nunca matava se não fosse estritamente necessário ou muito bem pago. Usava um casaco grosso de lã tão antigo quanto o pub que frequentava e bebia tanto quanto fosse possível. Ao seu lado, um drozde gato e manco de uma perna rressonava, tranquilo.

Seguidamente, recebia conselhos jocosos sobre as suas roupas de Dom Alejandro, um espanhol de bigodes límpidos e finos e trajes aristocráticos. Ele não era Dom coisa nenhuma, mas ninguém ali sabia o verdadeiro nome dos demais, então, Dom servia como um nome tão bom quanto qualquer outro. Especializado em chantagem e sequestros, acreditava que Aindreas ainda seria reconhecido por usar sempre as mesmas roupas, ou, no mínimo, arranjaria alguma doença tísica. O escocês respondia apenas com grunhidos aos modos afetados do outro, que passava boa parte da noite limpando ou polindo o drozde andorinha, que ele mandara folhear de chumbo dourado.

O terceiro membro dessa pequena agremiação incomum era um francês chamado Gabriel. Ele planejava e executara boa parte dos principais golpes aplicados em joalheiras, instituições financeiras e assaltos às grandes mansões de Paris. Gostava de planejar tudo nos mínimos detalhes, mas não se importava de sujar as mãos, se fosse necessário. Se um segurança, policial ou senhorio precisasse ser retirado da equação, ele não tinha problemas em resolver a questão, de forma rápida e silenciosa. Seu drozde raposa nunca saía de baixo dos seus pés, os pequenos olhos de latão observando a tudo com atenção.

Mas o homem que mais atraía a atenção era o que menos parecia interessado nisso. Ninguém sabia o seu nome ou de onde vinha. Usava sempre trajes negros longilíneos e uma espécie de máscara que lhe cobria a parte inferior da face, do nariz até a mandíbula, que só retirava para comer ou beber. Sua voz era desconhecida dos demais; talvez fosse mudo, talvez não. Sua comunicação se baseava, estritamente, em olhares ou gestos com as mãos. Para o desconfor-

to dos demais, não possuía um drozde e sequer se aproximava dos animais mecânicos dos seus colegas. Só se sabia o nome pelo qual era conhecido e a sua especialidade.

Acrobata, o assassino.

A Cidade das Luzes.

A metrópole mais importante da Europa e do mundo era cheia de vida. Famílias se reuniam em cafés e faziam fila na frente de teatros e padarias. Jovens jornalheiros berravam seus anúncios nas esquinas, trazendo as notícias de todas as partes do mundo. Políticos e negociantes se reuniam em parques e bares para traçar os destinos da nação. A Locomotive pneumática do Ministro Verne impulsionava a capital para o próximo século, enquanto lanchas repletas de mercadorias atravessavam os canais de Paris, abastecendo uma cidade que consumia de tudo e do melhor.

Mas ele não pertencia mais a essa cidade, não de verdade. Os becos escuros desapareciam no brilho das luminárias e lâmpões. Era um mundo que não permitia que as sombras se espalhassem como outrora. Era um mundo de coisas vivas e brilhantes.

Era por isso que ele estava ali? Atrás do pouco que restava das sombras na cidade? Aquele salão na penumbra, secreto e silencioso?

Para reconfortar-se com outros como ele?

Mas ninguém era como ele.

Ele não poderia sobreviver na luz.

A porta se abriu lentamente, atraindo a atenção dos três homens que estavam na sala, a penumbra do salão e as luzes trêmulas do fogo que crepitava na lareira recortando as faces dos presentes. Dom, Gabriel e Aindreas se viraram ao mesmo tempo. Recortado

apenas pela luz que vinha do amplo salão, a indisfarçável silhueta do Acrobata se distinguia sob a soleira da porta. Dom ergueu a sobancelha por um momento, tomando um gole de sua taça de vinho enquanto se virava para Gabriel, que deixou o talher que trazia parte do refogado à boca parado por um momento, antes de largá-lo ao lado do prato. Sentado de frente para a lareira, Aindreas resmungou apenas alguma coisa antes de esvaziar a caneca de cerveja.

— Boas-noites, Acrobata — disse Gabriel, limpando os lábios com um lenço de linho alvo como a lua. — Se aproxime para esquentar os ossos nessa noite fria.

O Acrobata permaneceu embaixo da soleira por um longo momento. Ele segurava um saco ao lado do corpo, do qual pendia gotas gordas que formavam uma pequena poça junto aos seus pés molhados. A chuva lá fora continuava intensa e seus cabelos negros brilhavam na luz das lamparinas.

Dom largou a sua taça de vinho em cima da mesa e recolheu as mãos para dentro dos bolsos do casaco, num movimento lento e calculado. Gabriel lhe lançou um sinal de aviso quase imperceptível e Dom relaxou, soltando a respiração.

Então, o Acrobata se moveu. Seus movimentos eram leves como os de um gato. Na verdade, se não fossem os respingos da sacola pesada, não se ouviria som algum enquanto ele entrava na sala, circundando as poltronas até se aproximar da lareira e do quadro da menininha de vestido rosa, uma pintura antiga e desbotada e que parecia estranhamente deslocada naquele salão. Ele largou o saco negro em cima de um aparador, então o levou para uma cadeira mais perto da lareira e, por fim, decidiu manter o embrulho junto aos seus pés. Sua respiração, oculta pela máscara, só foi ouvida